

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS  
MESTRADO**

**JULIANA KRAUSE LITVIN**

**VIOLÊNCIA CRIMINAL E A MANCHETE DE JORNAL:  
DESVELANDO A (DES) INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como pré-requisito para obtenção do grau de MESTRE EM CIÊNCIAS CRIMINAIS.

**Orientador: Prof. Dr. Aury Celso Lopes Jr.**

**Porto Alegre 2007**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L785v Litvin, Juliana Krause  
Violência criminal e a manchete de jornal:  
desvelando a (des) informação / Juliana Krause Litvin.  
Porto Alegre, 2006.  
xxx f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) –  
Faculdade de Direito, PUCRS, 2006.  
Orientador: Prof. Dr. Aury Celso Lopes Jr.

1. Violência Criminal. 2. Mídia Escrita. 3. Mal  
Estar Social. I. Lopes Jr., Aury Celso. II. Título.

CDD 341.59  
301.16

**Bibliotecária Responsável**

Isabel Merlo Creso  
CRB 10/1201

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	
CAPÍTULO I- MÍDIA, VIOLÊNCIA, E MEIOS DE COMUNICAÇÃO .....	
1.1 Violência e Mídia: uma estreita relação.....	
1.2 A comercialização da informação: notícia, preço e ibope .....	
1.3 Meios de comunicação e Meio social: a ação de um sobre o outro.....	
1.3.1 Teoria do Agenda <i>Setting</i> .....	
1.3.2 Espiral do Silêncio .....	
1.4 A necessária limitação aos meios de comunicação de massa: colisões de direitos fundamentais .....	
1.4.1 Presunção de Inocência: o desrespeito a um princípio constitucional em nome da publicidade abusiva .....	
CAPÍTULO II – INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA REALIDADE SOCIAL: INSEGURANÇA E MEDO COMO FATORES CONSEQUENTES .....	
2.1 Sociedade de Risco e a sua influência na sensação de insegurança .....	
2.2 Risco X Medo: Uma sociedade em busca da segurança perdida .....	
2.2.1 A Esquerda Punitiva como processo de criminalização .....	
2.3 O surgimento do sentimento do medo ante a espetacularização dos meios de comunicação.....	
CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS REPORTAGENS JORNALÍSTICAS DO JORNAL ZERO HORA.....	
3.1 Análise das reportagens coletadas .....	
Reportagem nº 1 .....	
Reportagem nº 2 .....	
Reportagem nº 3 .....	
Reportagem nº 4 .....	
Reportagem nº 5 .....	
Reportagem nº 6 .....	
Reportagem nº 7 .....	
Reportagem nº 8 .....	
Reportagem nº 9 .....	
Reportagem nº 10 .....	
Reportagem nº 11 .....	

Reportagem nº 12 .....	
Reportagem nº 13 .....	
Reportagem nº 14 .....	
Reportagem nº 15 .....	
Reportagem nº 16 .....	
Reportagem nº 17 .....	
Reportagem nº 18 .....	
Reportagem nº 19 .....	
Reportagem nº 20 .....	
3.2 Considerações sobre as reportagens coletadas .....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	
ANEXOS .....	

## RESUMO

A violência criminal urbana é percebida e registrada de maneira desigual e seletiva. Certos acontecimentos tornam-se sérios dramas sociais tendo por trás de tudo um discurso pronto e parcial, para não dizer preconceituoso, com a finalidade de tirar destes dramas a sua existência ordinária. Vivemos hoje numa sociedade superacelerada, completamente complexa e minada de riscos não se podendo mais falar em segurança jurídica tão pouco em estado de direito. Assim, o controle social que acreditávamos existir num passado, não se faz possível no presente, tão pouco num futuro. É a partir desta noção de mal-estar social que a mídia nos vende este produto deixando ele visível. Ocorre que esta visibilidade exagerada se torna, não raras vezes, objeto de medo e de insegurança social. Somos fascinados pela imagem desde a década de 80 quando a televisão se tornou o meio de comunicação mais rápido do que os outros e o Jornal, especificamente a Zero Hora, por ser possuidor da imagem e da informação, consegue agir sobre um certo acontecimento e fabricar algumas emoções nos leitores. Fala-se em fabricar exatamente porque a informação é, antes de tudo, considerada uma mercadoria não possuindo mais valor ligado a verdade, estando sujeita as leis de mercado, da oferta e da demanda e não mais às regras éticas. É claro que com esta idéia (deturpada) que está criada, fruto de uma sociedade capitalista, princípios constitucionais são deixados de lado em nome de uma publicidade abusiva já que se questiona, hoje em dia, se a informação é rentável e não mais se ela é verdadeira e ética. O medo encontra amplo terreno fértil diante deste quadro nascido do imaginário social o que reflete diretamente na qualidade de vida dos cidadãos. Este falso medo, que é baseado em estimativas irrealistas, é fonte de sofrimento e determina políticas equivocadas, pois percebido como uma eficiente forma de controle social. Analisar-se-á a forma pela qual o fenômeno da violência criminal é apresentado neste meio de comunicação mostrando como a mídia seleciona as notícias, o tratamento diferenciado que dá às pessoas envolvidas, bem como o discurso que é empregado. A área de concentração da pesquisa será sobre a violência e a linha de pesquisa será acerca da política criminal bem como a limitação do poder punitivo. Para tanto a presente dissertação se vinculará diretamente na área de concentração e na linha de pesquisa na medida em que

se abordará a forma pela qual a violência criminal é tratada na mídia escrita, especificamente no Jornal Zero Hora, e como que este fenômeno é tratado equivocadamente por uma política criminal praticamente própria ignorando todo e qualquer princípio constitucional.

**Palavras Chaves: Violência Criminal; Mídia Escrita; Mal Estar Social.**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o propósito de analisar a violência criminal e a criminalidade sob a ótica da manchete de jornal, mais especificamente, limitando-se às publicações de capa e de contracapa do Jornal Zero Hora no período compreendido entre julho a dezembro do ano de 2004.

Para tal fim, se buscará analisar o discurso do referido Jornal (mídia escrita) com o objetivo de mostrar como o fenômeno da violência e da criminalidade é abordado, como é o discurso sobre estes assuntos, quem são os representantes que falam e, principalmente, como é o tratamento dado à vítima e ao agressor.

Como é sabido, a imprensa/mídia (e neste trabalho se utilizará tão somente o Jornal Zero Hora como exemplo), divulga índices altos de violência e de criminalidade e mostra que estes não param de crescer, esquecendo, pois, que a violência é um elemento estrutural, intrínseco ao fato social, e não o resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de extinção<sup>1</sup>, deixando de ser entendido como uma realidade e sim como uma mera percepção imaginária da criminalidade e desta violência retratada.

A violência criminal urbana é percebida e registrada de maneira seletiva e desigual. Certos acontecimentos tornam-se sérios dramas sociais quando, a bem da verdade, por trás de tudo isso estão discursos prontos e parciais, absolutamente preconceituosos, com a finalidade de tirarem destes dramas a sua existência ordinária.

Os modos de vida diante deste discurso midiático ficam prejudicados ante este medo e o estresse da violência que é abordada diariamente nas manchetes de Jornais e outros meios de comunicação. Com tudo isso naturalmente surgirá o sentimento de medo podendo fazer com que a sociedade experimente um temor abstrato ao crime do que o medo motivado como resposta a uma ameaça real, o que pode produzir efeitos negativos como a neurose, criando comportamentos não solidários, desencadeando mecanismos de

---

<sup>1</sup> GAUER, Ruth Maria Chtittó. *Alguns aspectos da fenomenologia da violência*, p.13. *A fenomenologia da violência*, GAUER, Gabriel J. Chittó (org.), 1. ed, Curitiba: Juruá, 2004.

autodefesa, criando estereótipos de delito e de delinqüentes, incentivando, assim, o espiral da violência e o “círculo vicioso” do medo.

Esquece-se, porém, que a violência e o crime são fenômenos naturais e culturais, onde nem todos os indivíduos possuem os mesmos sentimentos coletivos e com a mesma intensidade.

O objetivo do trabalho será desvelar esta idéia abstrata que é passada pelos meios de comunicação, que consideram a notícia como mercadoria e por isso só será interessante e publicável se rentável, e tentará demonstrar a violência real, ainda que de maneira teórica.

Para tanto, o trabalho será dividido em 03 (três) capítulos de forma a analisar a questão da violência criminal e explicará os temas mídia, violência e meios de comunicação. Será feita uma análise das reportagens jornalísticas do Jornal Zero Hora para demonstrar, faticamente, os temas a que esta dissertação propõe averiguar.

No capítulo I, pretende-se averiguar a relação que a mídia guarda com o tema da violência. Para tanto, falar-se-á da comercialização da notícia, bem como da ação dos meios de comunicação sobre o meio social, ou seja, como o primeiro age sobre o segundo. Além disso, serão comentadas as teorias da comunicação utilizadas para demonstrar a forma pela qual os meios de comunicação intervêm no meio social e como passam isso a seus.

Neste esteira, se demonstrará a importância de serem limitados os meios de comunicação haja vista colidirem, igualmente, com direitos fundamentais, entre eles a presunção de inocência enfoque do presente trabalho.

No capítulo II, inicialmente, se abordará o tema acerca da sociedade de risco e a sua influência na sensação de insegurança já que este capítulo visa analisar a influência dos meios de comunicação na realidade social tendo, pois, medo e insegurança como fatores conseqüentes: medo este que se funda na espetacularização dos meios de



comunicação. Se demonstrará assim, os riscos da sociedade moderna e o porquê que está se buscando uma segurança (já) perdida.

Por fim, no terceiro capítulo, serão avaliadas as reportagens coletadas do jornal fazendo as análises dos pontos a que se propôs o presente trabalho. Pontualmente serão analisados a forma do discurso (linguagem empregada), o tratamento dado à vítima e ao agressor e a exploração das imagens (medo e sensacionalismo) publicadas.

A pesquisa possuirá um cunho exploratório e explicativo, na medida em que se levantarão hipóteses baseando-se em referenciais teóricos. A área de concentração da pesquisa será sobre a violência e a linha de pesquisa será acerca da política criminal bem como a limitação do poder punitivo. Para tanto a presente dissertação se vinculará diretamente na área de concentração e na linha de pesquisa na medida em que se abordará a forma pela qual a violência criminal é tratada na mídia escrita, especificamente no Jornal Zero Hora, e como que este fenômeno é tratado equivocadamente por uma política criminal praticamente própria ignorando todo e qualquer princípio constitucional.

Ressalta-se que o presente estudo abrangerá um ponto pequeno do universo disponível para se tratar da forma pela qual os meios de comunicação exploram violência criminal, a sensação de insegurança e o medo da população. Portanto, os dados que serão coletados (reportagens) nada mais serão do que indicativos desta realidade social midiática.

Para a presente dissertação a metodologia que será escolhida é a de pesquisa bibliográfica combinada com pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa, estas baseadas nos recortes das reportagens do Jornal. A fonte de pesquisa será documental o que tornará a pesquisa mensurável.

Será através da elaboração de um estudo exploratório, em que dados empíricos serão coletados por via de fonte documental, que serão analisadas as reportagens coletadas no período indicado segundo categorias fornecidas pelo referencial teórico na perspectiva da complexidade, o que permitirá organizar a interpretação e a explicação das informações processadas.

Ao final serão expostas as principais conclusões extraídas da pesquisa que tomará por base além do referencial teórico, as reportagens de capa e de contra-capa analisadas do Jornal Zero Hora no período compreendido entre junho a dezembro do ano de 2004.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos problemas que esta pesquisa se norteou foi a maneira como a qual o Jornal Zero Hora tratou o fenômeno da violência criminal e contribuiu para difusão de um fundado sentimento de temor e insegurança na sociedade no período de julho a dezembro do ano de 2004 quando da publicação, na capa ou na contracapa, sobre este tema.

Criou-se um raciocínio lógico, na busca da principal resposta que este trabalho pretendeu proporcionar, ou seja, como o Jornal Zero Hora pode (e consegue) influenciar as pessoas (seus assinantes e demais compradores) no tocante à violência criminal, quando da publicação das suas matérias sobre tal assunto, gerando verdadeiro terror e medo naquelas, haja vista que as camadas pertencentes da pequena e média burguesia (Classes A e B), que são os verdadeiros consumidores/assinantes do Jornal citado<sup>2</sup>, são os que se sentem mais ameaçados pela criminalidade.

Frente a esta interpretação da violência que o jornal dá, surge naturalmente o sentimento de medo e de insegurança. Ocorre que estes sentimentos de medo e insegurança não são encontrados diretamente no problema da violência criminal urbana, e sim associados à criminalidade por uma via simbólica que, mais precisamente, renasce da desorganização social, do isolamento em que as metrópoles encerram seus habitantes, da alienação. Portanto, a criminalidade é só a expressão simbólica de uma angústia e de um mal-estar.

Sob este prisma, a mídia em geral se apresenta como uma fonte, quiçá, perigosa do poder de fazer crer na notícia como representação da realidade, quando a tendência dos meios de comunicação é exatamente transformar um fato normal em um grande acontecimento como se aquele acontecimento fosse o mais extraordinário formando, via de conseqüência, valores sociais. Logo, os *mass media* desenvolvem seu papel de informante e noticiam aquilo que para eles é importante, ditando quais os assuntos

---

<sup>2</sup> O perfil demográfico e sócio-econômico dos leitores do Jornal Zero Hora se dividem da seguinte maneira: 16% pertencem a classe A, 49% pertencem a classe B, 29% classe C e 6% classes D e E. Fonte: Jornal Zero Hora, Estudos Marplan, 1º semestre de 2004. Mercado: Grande Porto Alegre. Filtro: 10 e mais anos.

que serão debatidos e pensados pela sociedade, o que deve e o que não deve ser comentado.

É aqui que se encontra a teoria da comunicação denominada de agenda *setting* a qual relata a necessidade dos assuntos serem “hierarquizados” pelos meios de comunicação que passam a pautar e agendar as notícias que consideram ser importantes para serem discutidas de maneira diferente e que, por isso, recebem maior ênfase como seu aparecimento em capas de jornais.

Está claro que o sujeito está “preso” à mídia no momento em que se encontra imerso em informações trazidas não conseguindo mais se questionar acerca da relevância das informações veiculadas pela mesma. Aqui se encontra a outra teoria da comunicação chamada de espiral do silêncio onde os indivíduos não expressam sua opinião e seu posicionamento quando sabem que sua opinião é minoritária e não está de acordo com a majoritária que, inegavelmente, é aquela veiculada nos meios de comunicação.

Desta forma, a opinião pública(da) pode ser compreendida como o pensamento de um ou de mais grupos dominantes sobre uma questão específica, no caso a violência criminal, fazendo com que se insira no próprio pensamento singular procurando, para tanto, reproduzir uma ideologia legitimante de seus pensamentos.

Inserida, pois, num contexto alarmante e absolutamente emocional, a notícia sobre a violência criminal e sobre a criminalidade passa a informar, mas também passa a emocionar os leitores que, ao mesmo tempo, ficam com medo e com interesse no assunto.

Notou-se, com clareza, que o Jornal Zero Hora possui predileção em publicar, na sua maioria, os crimes contra o patrimônio e os crimes de homicídio, ou seja, aqueles que certamente são cometidos por pessoas de menor poder aquisitivo contra as que possuem maior. Em sendo assim, percebeu-se que a rotulação que é feita em cima destas pessoas, seja com jargões, seja com alcunhas, ocasiona a estigmatização dos agentes e dos grupos envolvidos contribuindo com a exclusão social.

Os agentes que possuem o discurso nas reportagens fomentam o medo em relação a certas pessoas e grupos sociais e, diante do sensacionalismo midiático, excluem os mesmos do convívio social deixando transparecer que o melhor lugar para eles, os “perigosos”, é na cadeia e por esta razão a necessidade de se aumentar e de se endurecer as leis penais. Na verdade há uma (grande) vinculação entre mídia e sistema penal no momento em que a primeira ao publicar o (lamentável) discurso criminológico pretende analisar os conflitos sociais de maneira simplista, diga-se de passagem.

Naturalmente que este discurso traz concepções absurdas a exemplo que pena de prisão deve ser usada como recurso e não mais ser vista como um desastre de solução de conflitos.

Esquece-se que estamos inseridos numa sociedade de risco e que não vamos conseguir pôr limites nos riscos existentes por serem os mesmos locais e globais ao mesmo tempo. Assim sendo em todos os setores há riscos imprevisíveis: seja no âmbito social, seja no pessoal, seja no econômico, no familiar e assim por diante.

Como ficou demonstrado no corpo deste trabalho o Jornal Zero Hora, quando da publicação diária das notícias sobre violência criminal, mascara a realidade de fato, o que Ignácio Ramonet chamou de “efeito paravento”, ou seja, os meios de comunicação se aproveitam da distração dos leitores que estão ocupados com uma determinada informação para desviar a atenção do público de alguma ação passível de crítica. Assim, um evento serve para esconder outro e a informação oculta a informação!

O que ocorre é a exploração de assuntos mais rentáveis para uma sociedade que busca uma segurança, ainda que perdida considerando que a insegurança no mundo moderno está cada vez mais ligada ao aumento da violência que, por seu turno, promove uma base muito forte para o imaginário do medo.

Todavia este tipo de veiculação da informação não proporciona nenhuma visão crítica aos leitores sobre o tema. O que ocorre é tão somente uma visão

descontextualizada da realidade social fazendo com que a violência seja tratada como um assunto normal já que não se analisa as suas (verdadeiras) causas.

Sustentou-se que a mídia denuncia a criminalidade visando o lucro, ou seja, só se faz ser visível alguma notícia se ela de fato for rentável, pois o que importa hoje em dia aos meios de comunicação é o lucro e, no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que a intenção do Jornal é de vender a imagem negativa daqueles rotulados como criminosos.

Por o discurso da mídia não representar o produto de um esforço na direção do saber, ela seleciona apenas aquelas notícias que coincidam ou, até mesmo, confirmem a sua crença e o seu objetivo e passam a considerar a notícia como uma mercadoria, não possuindo mais valor ligado a verdade, estando elas sujeitas às leis de mercado, da oferta e da demanda ao invés de estar sujeita às regras éticas.

Realizando estas reflexões, chega-se a conclusão que a forma pela qual a manchete de jornal trata o tema da violência criminal não é com a finalidade de informar, mas sim desinformar já que a super-informação gera a desinformação e extremamente necessário desvelar esta desinformação.

Afirma-se isso já que para informar-se demanda tempo e paciência e infelizmente hoje em dia, diante de uma sociedade super acelerada em que vivemos, a informação passa a ser substituída pela repetição das notícias publicadas.

Não se pode ficar de braços cruzados diante de algumas reportagens midiáticas que simplesmente exploram o sensacionalismo publicando com letras garrafais, com imagens chocantes e com falas totalmente desassociadas de uma realidade social, notícias acerca da violência criminal e da criminalidade tentando passar que aquilo ali é a realidade.

De outra banda, não quer o presente trabalho tirar da mídia seu papel absolutamente relevante dentro de uma sociedade democrática e tão pouco restringir a

liberdade de informação e de imprensa, mas o que se quer é limitar a atuação já que com as publicidades sensacionalistas certos princípios constitucionais são afetados e isso jamais pode(ria) ser aceito. Não se pode aceitar um pré-julgamento da mídia diante de um fato qualquer; devem-se resguardar princípios igualmente constitucionais.